

## REFLEXÕES ETNOGRÁFICAS SOBRE O BEM-ESTAR ANIMAL EM FAZENDAS DE CRIAÇÃO DE GADO DE CORTE

Graciela Froehlich  
gracielafr@gmail.com  
CNPq  
PPGAS-UNB  
Doutoranda

A industrialização da pecuária – que intensifica a pressão produtiva sobre humanos e animais (Porcher, 2004) – motivou, nos últimos anos, exigências em prol de práticas de bem-estar animal em frigoríficos, granjas e fazendas de criação de bois, porcos e galinhas. Através de cursos e capacitações, vaqueiros e demais trabalhadores da cadeia produtiva da carne são treinados para manejar *racional e humanitariamente* os animais com os quais se relacionam cotidianamente. Busco desenvolver neste artigo alguns desdobramentos de meu trabalho de campo em fazendas de criação de gado de corte que evocam o bem-estar animal como um sinal distintivo do trabalho e dos animais nelas criados. Interessada nas conexões e engajamentos entre humanos e animais a partir da ideia de bem-estar animal, trago à reflexão algumas experiências para se pensar o trabalho de humanos e animais neste contexto.

Palavras-chave: bem-estar animal; bovinocultura; relações humanos-animais.

\*\*\*

Uma placa exposta no curral de manejo<sup>173</sup> comunica aos visitantes uma especificidade do trabalho desenvolvido na fazenda: “*aqui se aplica o manejo: ‘bem estar animal’*”. A placa sugere que nos limites da fazenda se maneja, trabalha, lida, mexe com o gado de corte de um jeito diferente, um jeito que, conceitualmente, visa proporcionar melhores condições de vida aos animais humanos e aos não-humanos que ali vivem e trabalham. Trabalhar é o que se faz na fazenda e falar sobre trabalho é muito do que se faz também nas horas vagas. Acerca dessa experiência – trabalho em fazendas com bem-estar animal – busco refletir nos parágrafos que se seguem.

Bem-estar animal<sup>174</sup> diz respeito as *boas práticas, racionais e humanitárias* no trabalho com os animais. Tais práticas visam garantir a promoção e preservação das “Cinco

---

<sup>173</sup> O curral é o espaço no qual o gado é *trabalhado*, onde são feitas as vacinas, colocados os brincos e feitas as marcações com ferro quente. É um espaço importante da fazenda e entrarei em maiores detalhes sobre ele mais adiante.

<sup>174</sup> O debate atual na esfera dos direitos animais tem se polarizado entre aqueles que defendem o fim de todo e qualquer uso humano dos animais e aqueles que propõem melhorias nas suas condições de vida e de morte, sem contanto, eliminar seu uso: libertacionistas/abolicionistas e bem-estaristas, respectivamente. Defensores do bem-estar animal não se contrapõem nem ao uso, nem à morte dos animais, desde que seja respeitado o princípio de minorar o sofrimento e melhorar as condições de vida e de morte dos mesmos. Por seu turno, os defensores do abolicionismo protestam pelo fim da exploração humana dos animais, seja em termos de alimentação, vestuário,

Liberdades” aos animais – tais como criadas pelo Comitê Brambell em 1965 – as quais devem ser respeitadas e proporcionadas para que estes vivam em condições de bem-estar: os animais devem estar livres de fome e de sede; de desconforto; livres de dor, de maus-tratos e de doenças; livres para expressar seu comportamento *natural* e livres de medo e tristeza. Em uma de suas definições científicas mais difundidas, “bem estar animal” diz respeito às condições de adaptação dos animais ao ambiente em que vivem (Broom, 2005). Além disso, tomado em sentido amplo, bem-estar diz respeito também ao bem-estar dos humanos que trabalham com esses animais: objetiva-se um bem-estar comum.

Iniciativas de bem-estar animal acompanham a crescente industrialização das atividades pecuárias, em que, “entre criação de animais e “produção animal”, o trabalho da pecuária foi quase reduzido exclusivamente a sua racionalidade econômica” (Porcher, 2004). No caso dos confinamentos de gado essa racionalidade econômica da produção de carne *commodity* – que perpassa, obviamente, pela relação com bois e vacas – parece ficar ainda mais patente. Pensar em liberdades, dentro desse contexto, também se torna um desafio. Proponho assim, refletir sobre a inserção de elementos de bem estar animal nas práticas de trabalho cotidianas a partir de meu trabalho de campo realizado em um destes confinamentos de gado localizado no estado do Mato Grosso, estado com o maior efetivo de gado bovino, mais de 28 milhões de cabeças (IBGE, 2012) e segundo maior exportador de carne bovina do Brasil (IBGE, 2014).

## O CONFINAMENTO

O ambiente da fazenda pouco remete à imagem bucólica de bois pastando na relva verde. Nesta “cidade de bois” – ou Concentrated Animal Feeding Operation (CAFOs), como os confinamentos são caracterizados por Michael Pollan em “O Dilema do Onívoro” (2007) –, não se pode perder tempo. A moderna pecuária industrial abreviou a vida média dos animais para cerca de 18 meses, enquanto na pecuária extensiva, na qual os bois alimentam-se de capim e passam sua vida no pasto, esse tempo é de quatro anos ou mais. A combinação de

---

experimentação científica, entretenimento, enfim, quaisquer atividades que possam provocar sofrimento, constrangimento e morte aos animais.

melhoramento genético e manejo alimentar, focado na suplementação através de minerais e na administração de alimentos calóricos como o milho e a soja, permitem ao produtor abater seus animais em um tempo drasticamente reduzido. O confinamento insere-se na necessidade de aceleração do trabalho de humanos e redução do tempo de vida dos animais.

O imperativo de agilidade e eficiência lembra o trabalho em uma linha de produção: “*hoje precisamos trabalhar 300 animais*”, disseram-me um dia. Nos finais de semana e feriados o trabalho continua, ainda que com equipes reduzidas e que se revezam. Por estarem presos em um ambiente sem fonte de água e comida os bois e as vacas em confinamento tornam-se totalmente dependentes dos humanos para comer e beber. Em uma conversa que tive com Paulo<sup>175</sup>, gerente da unidade, sobre a minha percepção de que na fazenda trabalhava-se sem parar, ele afirmou que eram os bois que ditavam esse ritmo acelerado e ininterrupto: os bois não podem parar de comer e beber água, ou ficar desassistidos em caso de alguma emergência de saúde. Não é possível esquecer assim, o fato de que se está trabalhando com seres vivos que também impõem seu ritmo, não só ao trabalho, como também ao descanso dos humanos.

Na unidade onde estive, cerca de 10 mil bois das raças Nelore, Angus, Aberdeen e Hereford<sup>176</sup> (e cruzamentos) vivem por cerca de 100 dias antes de irem para o frigorífico. Este espaço é projetado para os animais ganharem peso rápido: a estimativa é que um animal possa ganhar até 1,8kg por dia de confinamento. Neste espaço permanecem os animais em fase de terminação<sup>177</sup>, sobretudo nos períodos de seca.

---

<sup>175</sup> Utilizo nomes fictícios para todos os meus interlocutores.

<sup>176</sup> O gado da raça Nelore é vasta maioria, embora haja um discurso entre os zootecnistas e veterinários na fazenda de que animais de raças europeias como Angus e Aberdeen ganhem peso mais rápido, que é o objetivo do confinamento. Além disso, a carne originada de animais da raça Angus tem um valor de mercado mais elevado.

<sup>177</sup> A pecuária de corte brasileira organiza-se em três diferentes fases: cria, recria e engorda. A fase de cria corresponde ao período de reprodução, crescimento e desmama do bezerro; a fase de recria compreende o período que vai da desmama à reprodução - para o caso das fêmeas, e da desmama ao início da engorda no caso dos machos. A engorda é o período em que os animais são “terminados”, “acabados”, quando eles são alimentados de forma intensiva nos confinamentos, ou ainda, extensivamente nas pastagens.

O ritmo das atividades é acelerado. Caminhões carregados de soja, milho ou bagaço de cana<sup>178</sup> entram diariamente na fazenda e abastecem a fábrica de ração. Nos caminhões também chegam os bois e algumas vacas<sup>179</sup>, menos numerosas em função de não serem “ideais” para o confinamento – sua *taxa de conversão*, ou seja, a quantidade de ração ingerida para ser transformada em carne é maior que a dos machos, ou seja, as vacas precisam comer mais para ganhar o mesmo peso que um boi em um período de tempo determinado. Os caminhões são rigorosamente pesados na entrada e na saída e os motoristas têm seus dados cadastrados em um sistema computadorizado.

Na fazenda trabalham seis vaqueiros, responsáveis pelo manejo das 10 mil cabeças de gado que lá estavam à época. Esse número aumenta para cerca de 15 mil quando o confinamento atinge sua capacidade máxima. Proporcionalmente, são cerca de 1700 bois para cada vaqueiro. As atividades na fazenda são setorizadas e há equipes diferentes responsáveis pelas diversas atividades: a equipe de infra-estrutura, os tratadores, os lavadores dos bebedouros, os trabalhadores da fábrica de ração, os tratoristas, os porteiros. Cada uma das equipes possui um encarregado, que dispõe de um aparelho de rádio portátil para se comunicar com os demais colegas. Esse aparelho é fundamental para a transmissão de recados e avisos entre os diversos setores, especialmente quando algum animal é avistado com algum ferimento ou problema de saúde.

Todos os bois e vacas que entram na fazenda precisam passar pelos procedimentos de cadastramento, marcação e vacinação. O cadastramento consiste na colocação de brincos de rastreabilidade<sup>180</sup>, que apresentam um número e um código de barras. Os dados de cada animal, como idade, peso, vacinas administradas e as datas desses procedimentos ficam

---

<sup>178</sup> São os principais ingredientes da dieta animal, além do suplemento mineral fornecido por uma empresa de nutrição animal. Uma combinação de cálcio, fósforo, sódio, zinco, magnésio, iodo, cobalto, manganês, cobre, enxofre, entre outros minerais, formam a base desse suplemento.

<sup>179</sup> Um documento chamado GTA – Guia de Trânsito Animal – é utilizado como controle da movimentação de animais, tanto entre as fazendas, quanto das fazendas para o frigorífico. O motorista boiadeiro, como é peculiarmente chamado o motorista de caminhão que transporta bois em seu veículo, deve permanecer com este documento em todos os seus roteiros.

<sup>180</sup> Trata-se do Serviço de Rastreabilidade da Cadeia Produtiva de Bovinos e Bubalinos (SISBOV), do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). Esse sistema visa o acompanhamento e controle individual dos animais, desde o nascimento até o abate, apresentando informações sobre movimentação geográfica, tratamentos de saúde, idade e peso. Não é obrigatório para a criação de animais no Brasil, mas é obrigatório para aqueles pecuaristas que desejam exportar carne para mercados como a União Europeia e o Chile.

armazenados num *software* chamado *Data Collection*, um programa especialmente desenvolvido para o controle do rebanho. Há ainda o “brinco de piquete” ou “brinco de manejo”, colocado em todos os animais que formam um lote e compartilham o mesmo cocho. Esse procedimento de colocar os brincos nos animais é chamado de “brincar”. O gado é também marcado com ferro quente, e as marcas são diversas. Há uma marca com o símbolo da fazenda; outra que combina o ano (sinalizado por uma letra) e o mês do nascimento (representado por seu próprio número); outra marca indicando a origem dos animais: se foram comprados em outra fazenda, se são originários de uma parceria com outro criador, ou ainda, se são “criolos”<sup>181</sup>, ou seja, nascidos na própria fazenda<sup>182</sup>. Essas marcas são feitas na parte superior das pernas ou “traseiro”, no cupim<sup>183</sup> e na parte interna das orelhas dos animais. Esses são os principais dispositivos de identificação dos animais e constituem parcela importante do que na fazenda é chamado de “trabalhar os animais”. Somam-se à identificação os cuidados sanitários, que consistem na aplicação de vacinas contra doenças como o carbúnculo e o botulismo, bem como a administração do complexo vitamínico “ADE”, que contribui para a preparação do organismo dos animais à nova dieta que irão receber ao longo dos próximos meses.

Todos esses processos acontecem, por vezes, simultaneamente no espaço do curral. Todos os animais passam por ali, onde é o seu local de entrada e de saída da fazenda. É no curral que os caminhões e carretas encostam para desembarcar o gado que chega, e embarcar os bois que vão para o frigorífico. Foi ali que passei grande parte do tempo conversando e trabalhando<sup>184</sup> com os vaqueiros e com o gado.

---

<sup>181</sup> Esta é a grafia utilizada nos cadastros da fazenda.

<sup>182</sup> A unidade de cria, onde nascem esses filhotes está localizada em outro município, distante cerca de 750km dali. Assim que os bezerros são desmamados (com cerca de 8 meses), eles são trazidos para a unidade de recria, que corresponde à fazenda vizinha, de propriedade do mesmo Grupo para, finalmente, chegar à unidade de engorda, com cerca de 18 meses.

<sup>183</sup> O cupim é uma protuberância localizada atrás da cabeça dos bois (nas vacas ele é menor) e é uma característica da raça Nelore.

<sup>184</sup> Já na primeira semana de campo foi-me emprestada uma bandeira de manejo, com a qual eu ensaiava o trabalho de *afinar* os animais, conduzindo-os pelos corredores do curral. Esta acabou sendo uma atividade quase cotidiana e, com o passar do tempo, havia já uma bandeirinha separada para mim.

## TRABALHAR OS ANIMAIS, TRABALHAR COM OS ANIMAIS

Em minha primeira visita à fazenda, o gerente geral levou-me para conhecer o confinamento, explicando-me como os animais eram alimentados, os projetos de expansão, as diferenças entre as raças etc. Em certo momento, ele parou abruptamente a caminhonete em que andávamos e apontou para um boi, dizendo: “olha lá Graciela, aquele boi está morto!”. Coloquei a mão na maçaneta e já ia dizendo para chamarmos algum veterinário para ver o que acontecia quando seus risos me interromperam. Descemos da caminhonete e o boi se moveu, levantou-se e ficou nos olhando. Renato então me explicou que aquele era um comportamento típico de animais em condições de bem-estar: ele apenas dormia profundamente, provavelmente após ter se alimentado e ruminado bastante bem. Isso era consequência, seguia ele, do manejo racional e dos cuidados que lá se tem com os animais. Meu olhar não treinado e pouco habituado ao universo das fazendas e dos confinamentos de gado de corte, foi aqui motivo de piadas.

Nos piquetes de confinamento<sup>185</sup>, os bois passam horas comendo ração, bebendo água, ruminando e dormindo. Tal é o comportamento esperado para animais considerados em condições de bem-estar. Por seu turno, brigas, animais agitados e sodomia<sup>186</sup> são comportamentos que alertam os técnicos e vaqueiros para bois e vacas cujo bem-estar corre perigo. Um dos focos dos treinamentos sobre bem-estar animal é justamente a educação do olhar, que deve reconhecer as situações desfavoráveis aos animais, ou seja, aquelas que lhes causam sofrimento e dor: “é necessária a **modificação na forma de perceber os animais**, pelos colaboradores, não apenas como um produto de valor comercial, mas sim como **seres**

---

<sup>185</sup> Os piquetes de confinamento são áreas cercadas nas quais permanecem os animais durante o período de engorda. A capacidade de lotação de cada um é determinada pelo tamanho dos cochos e bebedouros, além do tamanho e qualidade do terreno, estação do ano (especialmente seca e chuvas) e disponibilidade de sombra. Os piquetes adjacentes formam as linhas de confinamento.

<sup>186</sup> A sodomia é percebida como um dos grandes problemas do confinamento de gado de corte, a ser remediado por medidas de bem-estar animal e pela administração de substâncias homeopáticas que visam reduzir a virilidade desses bois. A sodomia acontece quando um grupo de bois monta em um ou mais animais do lote, manifestando o que é considerado um comportamento agressivo e potencialmente causador de lesões nas *carcaças*. Aconselha-se que animais de origem diferente não sejam misturados num mesmo lote, pois a entrada de um “estranho” no grupo pode desencadear comportamentos de sodomia. Carcaça é o corpo do animal abatido, sem o couro, a cabeça e as vísceras. A carne é fruto do processamento posterior, quando a carcaça é cortada em pedaços menores destinados à alimentação.

**sencientes**, ou seja, com capacidade de sofrer, sentir dor, prazer, satisfação” (Ludtke *et all*, 2012, p.17 grifos dos autores).

Saber olhar é uma habilidade fundamental para os trabalhadores da fazenda. “No olho” determina-se o peso de um boi, percebem-se possíveis *brabezas*, falhas na estrutura que prejudicam e atrasam o trabalho, avalia-se se a ração está sendo bem ou mal recebida pelos animais, detectam-se doenças etc. E é preciso o olhar de todos ali para engordar o gado: todos os funcionários da fazenda devem estar atentos a qualquer movimentação incomum entre o gado e alertas para o seu bem-estar.

Estar atento aos sinais que o gado dá é parte importante do trabalho dos vaqueiros, tanto nos afazeres do curral quanto nos afazeres de campo, de “tocar boiada” e “dar rodeio”, isto é, movimentar os animais em lotes através da fazenda e vistoriar as condições de saúde do gado que está no pasto e nos piquetes do confinamento. Descobri imediatamente que *falar* com os animais não é apenas uma necessidade do trabalho, mas uma exigência. Para Cássio, qualquer pessoa que se aproxima do gado deve falar com ele, deve avisar o gado de que não é um predador<sup>187</sup>, “quem chega silencioso é a onça”, disse-me. E o tom deve ser grave, jamais agudo. Com ambas as entonações o gado se movimenta, mas a última assusta, enquanto a primeira é familiar e não agressiva. Essa orientação, oriunda dos cursos de bem estar animal, foi especialmente importante para aprender a andar pelas linhas do confinamento. Os bois se assustam com pedestres<sup>188</sup> e uma forma de minimizar o possível estresse desse encontro é falar com eles. “Êêêê, oba, oba; vem, vem” são algumas das expressões que me acostumei a dirigir ao gado quando me aproximava deles. Fala-se muito em habituação e costume: o gado estaria acostumado apenas com tratores, que levam a sua comida, com humanos montados em cavalos, humanos nas motocicletas, mas não humanos andando a pé à sua volta.

---

<sup>187</sup> Percebe-se que o animal humano, apesar de efetivamente matar os animais, não é considerado predador.

<sup>188</sup> Tratores, motocicletas, caminhonetes e, especialmente, humanos a cavalo não assustam os bois como humanos pedestres o fazem. Ainda na primeira semana de trabalho de campo, logo cedo pela manhã, fui ao encontro dos vaqueiros que traziam uma boiada do campo para ser trabalhada no curral. Inadvertidamente posicionei-me ao lado de uma porteira e fiquei olhando a aproximação da comitiva. Em certo momento, quando estavam mais próximos, a boiada estancou e ficou me olhando atentamente. João então veio ao meu encontro e pediu que eu saísse dali, pois, caso contrário, os bois não andariam. Eles haviam se assustado com a minha presença, ainda que razoavelmente camuflada pela grossa porteira e pela cerca que nos separava.

As instalações da fazenda também passam por transformações através de tecnologias pensadas partindo-se da ideia de bem-estar animal. É o caso do tronco de contenção e da seringa, por exemplo. O tronco de contenção, como o próprio nome já diz, é uma máquina que objetiva conter bois e vacas para que não se mexam enquanto são vacinados, brincados, marcados, quando são, enfim, trabalhados. É composto de uma *pescoceira*, que se agarra, como o nome sugere, ao pescoço do boi immobilizando sua cabeça, e do *trapézio*, que se ajusta às pernas traseiras do boi impedindo-o de desferir possíveis coices. Diversas portinholas permitem o acesso localizado às partes do corpo dos animais, conforme a necessidade dos procedimentos<sup>189</sup>. O tronco de contenção por eles utilizado está entre os mais *modernos*, pois faz pouco barulho – o barulho é considerado um fator estressante – e necessita de apenas um vaqueiro para operá-lo, através de alavancas. O fabricante desta máquina ostenta o seguinte slogan: “Manejo Racional e Produtivo”, denunciando a vocação comum – aumentar a produtividade através de métodos não agressivos. Na ocasião em que estive em campo, presenciei um período de teste de uma seringa circular, também hidráulica e manejada por alavancas. Esta seringa viria a substituir a antiga, que consiste basicamente no estreito corredor pelo qual os animais passam até chegar ao tronco de contenção. Com esta seringa, afirmavam os gerentes, o trabalho seria otimizado e dispensaria os serviços de um ou dois vaqueiros que normalmente ficavam na função de, no antigo corredor, afinar os animais. Trata-se de uma seringa desenvolvida com “tecnologia em bem-estar animal”, ou seja, pensada de modo a reduzir o estresse do gado que passa pelo corredor, agilizar a passagem dos bois e diminuir a carga de trabalho dos manejadores humanos. Medidas mais simples também são tomadas tendo-se em mente o comportamento dos animais. As porteiras, por exemplo, ficam localizadas nas extremidades dos piquetes, jamais no centro. Isto porque a tendência do gado é agrupar-se nos cantos: havendo uma abertura ali e estando ela aberta, eles podem utilizá-la para seguir o seu caminho.

Nas atividades com o gado, a norma bem-estarista é: “não se deve forçar o animal a fazer algo contra a sua natureza, mas induzi-lo a fazer o que queremos, tornando o manejo

---

<sup>189</sup> Dentro do tronco alguns bois berram e se debatem, por vezes, violentamente. Outros parecem aceitar resignados a condição que lhes é ali imposta.



mais seguro e eficiente” (Climeni *et al*, 2008). “O gado sabe e quer fazer o que queremos”, afirma Steve Cote em “*Stockmanship: A Powerful Tool for Grazing Lands Management*” (*apud* Grandin e Johnson, 2010). Se o gado “quer” fazer o que os humanos desejam, a violência física contra os animais não é necessária e a brutalidade tida como típica do trabalho com os animais de fazenda deve ser substituída por práticas mais calmas e não agressivas (Paranhos da Costa *et al*, 2008).

Trabalhar *os* animais exige, assim, que se trabalhe *com* eles. Sigo aqui a intuição de Jocelyne Porcher, para quem, o mundo comum de humanos e vacas - e no caso aqui analisado mais bois do que vacas - é o mundo do trabalho: “*it is thanks to work that some aspects of the cow are known to us, and part of ourselves, as human beings, is known to the cow*” (Porcher, 2014, p. 2). O bem-estar animal se insere nessas práticas de conhecimento mútuo, em uma tentativa de transformar as relações tradicionais, tidas como agressivas e brutais, em relações humanitárias, características de uma pecuária moderna e sustentável (Ludtke *et al*, 2012).

Seguindo esse raciocínio, o choque ou aguilhão, instrumento utilizado para causar um choque nos animais e fazê-los andar, não é utilizado pelos trabalhadores da fazenda. Entretanto, pode-se encontrá-lo nas caçambas de todos os caminhões que transportam os animais. Na pecuária tradicional, o choque é parceiro comum dos trabalhadores da fazenda para fazer os animais se movimentarem dentro do curral. O bem-estar animal substituiu essa ferramenta pelas bandeiras de manejo. Tais *bandeirinhas* são utilizadas para guiar o gado pelo caminho que deve seguir, bem como para fazê-lo parar. A bandeira deve ser carregada atrás da cabeça dos animais para fazê-los irem pra frente; para fazê-los parar coloca-se a bandeira exatamente na frente de sua cabeça. A bandeira é um dos instrumentos utilizados para fazer bois e vacas agirem de acordo com o que os manejadores desejam. Os vaqueiros são treinados para entender o que seria esse *comportamento natural* e no transcorrer de suas atividades, adaptam-no às necessidades do momento. A situação que transcrevo a seguir servirá para pensar essa questão.

Em um dia *apurado* – estavam entrando muitos bois na fazenda, era época de “encher o confinamento”, nos meses de maio e junho, período que corresponde ao início da seca no centro-oeste – o trabalho estava indo devagar demais, todos reclamavam. Os bois empacavam

na seringa, alguns davam meia volta e faziam todos os demais retornarem, outros estavam muito agitados e não chegavam sequer à entrada do corredor de acesso ao tronco. Cássio analisava atentamente aquela situação do alto do mezanino enquanto os demais também discutiam os motivos para a lentidão do trabalho. A mansidão dos animais foi a primeira explicação: “*eita gado pirracento!*”, “*como são preguiçosos!*”. Mas isso não explicava tudo e, sobretudo, não solucionava o problema. Levantou-se também a questão da raça: tratava-se de bois de raça europeia, segundo eles, dóceis e calmos demais. Foi então que Cássio sugeriu que o corredor estava largo demais e propôs que fossem colocados pneus nas laterais para diminuir sua largura e evitar que os bois virassem ali dentro. Mas, além disso, percebeu algo que, conforme me contou, havia aprendido com o bem estar animal e a palestra de Temple Grandin<sup>190</sup>, que havia assistido há pouco tempo. Havia um pequeno desnível no piso de terra batida do corredor, que formava praticamente um degrau. Com a sombra que também se projetava ali, ele disse que os animais percebiam aquilo como um grande fosso e que recuavam por não saberem onde estariam pisando. Uma pá carregadeira trouxe terra que cobriu o buraco e nivelou o terreno. Os pneus foram amarrados com cordas nas laterais do corredor e, feitas essas melhorias improvisadas, a dinâmica do trabalho mudou. Os bois caminhavam mais “tranquilamente” no corredor estreitado e poucos, em raros momentos, empacavam ou se mostravam agitados<sup>191</sup>.

Explicando-me a respeito do comportamento dos bois enquanto trabalhávamos no curral, Cássio disse-me que “*é que nem gente: tu vai ver uns mais estressados, uns melhor de lidar, uns mais difíceis*”. Os bois amuados, aqueles que deitam, empacam e não querem andar,

---

<sup>190</sup> Temple Grandin é professora e pesquisadora na Universidade do Colorado, nos Estados Unidos, principal referência na área de bem-estar animal e abate humanitário. É autora de vários livros e artigos, entre os quais “O bem-estar dos animais”, juntamente com Catherine Johnson e “A língua dos Bichos”, ambos traduzidos para o português, bem como de novas tecnologias para abatedouros. O filme “Temple Grandin”, produzido pela *HBO Films* e lançado no ano de 2010, colaborou para aumentar a popularidade da pesquisadora, apresentada também como exemplo de vida e de superação. Sua condição de autista é apresentada como a razão de uma capacidade peculiar em se colocar no lugar dos animais, sentindo os medos e sofrimentos a que ficam expostos, especialmente, nos caminhos dos abatedouros.

<sup>191</sup> Um corredor estreitado é considerado mais positivo aos animais do que um corredor largo. Suas paredes não devem ser vazadas, a fim de que os animais não sejam estimulados por elementos e acontecimentos externos.

são comparados a crianças, que se chateiam e fazem *birra*. O temperamento mais exaltado de alguns permite que sejam reconhecidos em meio a um grande lote: “*esse aí* (apontam para o boi) *é aquele doidão*”.

Aparecem aí os *brabezas*, como são chamados os bois (ou vacas) que se negam a andar pelos corredores do curral e ameaçam atacar os vaqueiros que tentam conduzi-los. Alguns chegam a pular os muros da seringa, que tem aproximadamente dois metros de altura, estouram as porteiras, arrebentando suas grossas tábuas. Esses são os bichos “difíceis”, que “atrasam o serviço” e “cansam o peão”. A primeira providência é separar os brabezas de seus companheiros de lote. O curral é equipado com duas entradas de animais e, uma delas, costumeiramente, fica vazia. O brabeza é então apartado para esta área e espera-se que ele se acalme ali. Os demais animais seguem seu caminho pela seringa e pelo tronco. Ao término do cadastramento (ou pesagem ou vacinação etc) de um lote, tenta-se passar o brabeza pelo tronco com os costumeiros chamados de “vem vem”, “eira eira”, “boi boi” e com o auxílio da bandeira. Quando estes métodos não funcionam, usa-se um saco de ração vazio, que é furado na altura do focinho do animal, e colocado sobre sua cabeça para que este não consiga enxergar. Com alguns gritos e tapas em seu traseiro ele anda para a frente e segue o caminho rumo ao tronco. Esse procedimento não é realizado quando os animais vão para o frigorífico. Se há algum brabeza no lote com destino ao matadouro ele “fica pra próxima”, pois é indesejável que sua carcaça seja machucada em vista da perda de valor monetário que isso representaria<sup>192</sup>.

Esse cenário de trabalho intenso e de dedicação exclusiva, de bois brabezas e de bois amuados, que irrompem em fúria ou se detém imobilizados, compõe parte do cotidiano da lida com os animais em um confinamento. Na pecuária industrial, eficiência e lucratividade são as palavras-chave e é somente dentro desse contexto que o bem-estar animal pode ser entendido. A ideia de que “um trabalhador [humano] saudável e feliz é um trabalhador produtivo” (Fraser, 2012: 96-7) parece ser transposta agora aos animais:

---

<sup>192</sup> O frigorífico paga o pecuarista pela carcaça “limpa” dos animais. Hematomas e ferimentos são rejeitados por não serem transformados em carne e assim, um dos objetivos das práticas de bem-estar animal consiste em diminuir as perdas ocasionadas pelas chamadas “lesões na carcaça”.

“visto sob as lentes do Industrialismo, os animais são atores em um papel *praticamente* análogo àquele dos trabalhadores dos sistemas eficientes de produção. Dar atenção ao bem-estar dos animais em tais sistemas é a coisa certa a fazer por razões práticas, como também por razões éticas. De fato, um animal saudável cujas necessidades são bem atendidas será um animal produtivo. E a maneira de fazer os animais mais saudáveis e produtivos não é obtida pelo retorno às vicissitudes e ineficiências da natureza, mas sim por meio da aplicação racional da ciência e da tecnologia” (Fraser, 2012: 96-7 *grifo meu*).

Pode-se argumentar assim, que para se “trabalhar o gado” – cadastrá-los, vaciná-los, brincá-los etc – é preciso que os vaqueiros trabalhem *com* o gado, prestando atenção nos seus movimentos, nos seus sinais, enfim, na sua linguagem. Ao entender os animais é possível fazê-los cooperarem, ou ainda é possível “enganá-los” sem a necessidade do uso da força física (ou, pelo menos, atenuando-se a agressividade). As premissas do bem-estar animal, advindas dos cursos de capacitação, influenciam nessa forma de comunicação interespecífica, sempre balizada pelas exigências de rapidez e eficiência, típicas do trabalho industrial.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BROOM, Donald M. 2005. Animal welfare: the concept of the issues. In: DOLLINS, Francine L. *Attitudes to Animals. Views in Animal Welfare*. New York: Cambridge University Press.
- CLIMENI, Bruno Santi Orsi; MONTEIRO, Marcos Vilkas; SAMARONI, Mayco; PICCININ, Adriana. 2008. Interpretação da linguagem dos animais para manutenção do bem-estar animal. *Revista Eletrônica de Medicina Veterinária*. (10-1): s/p.
- FRASER, David. 2012. *Compreendendo o bem-estar animal: a ciência no seu contexto cultural*. Londrina: Eduel.
- GRANDIN, Temple e JOHNSON, Catherine. 2010. *O bem-estar dos animais*. Proposta de uma vida melhor para todos os bichos. Rio de Janeiro: Rocco.
- IBGE. 2012. Produção da Pecuária Municipal. V. 40.
- IBGE. 2014. Estatística da Produção Pecuária.

- LUDTKE, C.; CIOCCA, J.R.P; DANDIN, T; BARBALHO, P.C ; VILELA, J.A; FERRARRINI, C. 2012. *Abate Humanitário de Bovinos*. Rio de Janeiro: WSPA.
- PARANHOS DA COSTA, M.; SPIRONELLI, A. L. G.; QUINTILIANO, M. H. 2008. *Boas Práticas de Manejo: Embarque*. Jaboticabal: Funep, 35p.
- POLLAN, Michael. 2007. *O dilema do onívoro: uma história natural de quatro refeições*. Rio de Janeiro: Intrínseca.
- PORCHER, Jocelyne. 2004. “Você liga demais para os sentimentos” “Bem-estar animal”, repressão da afetividade, sofrimento dos pecuaristas. *Revista Produção* (14- 3): 35-44.
- \_\_\_\_\_. 2014. The work of animals: a challenge for social sciences. *Humanimalia* (6:1): 1-9.